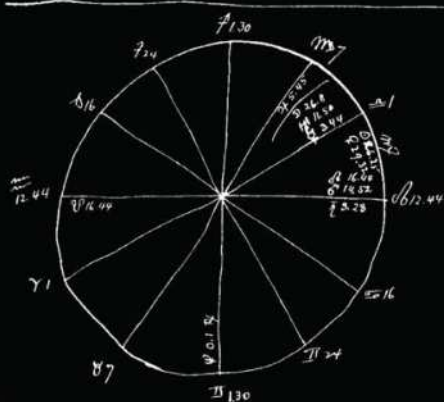


Ricardo Reis

19 Setembro 1887
à 4h5 tarde Lx, Com.



R 52.19

4 5.40

15.57.59 Rame.

Results for 4.45 ring approx.

no opposition

Mapa astral de Ricardo Reis



A revelação
pública há
100 anos

Ricardo Reis e

Cada poema de Fernando Pessoa ou dos seus heterónimos consiste numa viagem à sua própria vida, às nossas vidas e a muitas outras vidas imaginadas

TEXTOS ANTÓNIO VALDEMAR JORNALISTA



Mapa astral de Alberto Caeiro

Alberto Caeiro

A revelação pública da poesia de Ricardo Reis e de Alberto Caeiro constitui um dos centenários mais significativos da vida e da obra de Fernando Pessoa. Verificou-se através dos cinco números da revista “Athena”, editada desde outubro de 1924 até junho de 1925, data exata da publicação, embora o último número inscrevesse o mês de fevereiro de 1925.

A poesia de Alberto Caeiro e a de Ricardo Reis, qualquer delas bem diferente uma da outra, representa uma das etapas fundamentais do modernismo em Portugal, apesar de não terem, na altura, a repercussão alcançada por Álvaro de Campos, cuja expressão contundente e provocatória se manifestou quer no “Orpheu”, em 1915, quer no “Portugal Futurista”, em 1917, quer, ainda, em cartas para os jornais a rebaixar, por exemplo, Afonso Costa, uma das personalidades políticas mais relevantes da República.

Contudo, a revelação de Alberto Caeiro e de Ricardo Reis ficara limitada a círculos literários muito reduzidos. A opinião pública debatia-se com sucessivas crises políticas, sociais e militares que afetavam a ordem pública e provocavam uma contínua instabilidade: consecutivas quedas de governos (que chegaram a durar 24 horas), a explosão de bombas, atentados pessoais, até durante um funeral no Cemitério dos Prazeres... Tudo isto acontecia em Lisboa e repercutia-se através das outras cidades do país.

Durante os seus trajetos em Lisboa, Fernando Pessoa anulava-se entre os transeuntes das ruas e os passageiros dos transportes públicos. Num dos testemunhos que chegaram ao nosso conhecimento, Ofélia Queiroz (1900-1991), a sua única e episódica namorada, traçou-lhe um retrato sumário: “Um senhor todo vestido de preto [...] com um chapéu de aba revirada e debruada, óculos e laço ao pescoço [...] ao andar, parecia não pisar o chão.”

Era um desconhecido. Privava apenas com os proprietários e funcionários dos escritórios onde trazia para inglês e para francês correspondência comercial. Mantinha um convívio restrito com poucos amigos, em pequenas tertúlias instaladas em cafés e em restaurantes da Baixa, do Chiado ou do Terreiro do Paço. A vida privada de Pessoa — objeto de várias suposições, tais como homossexual, bissexual, misógino, onanista, abúlico — só chegou ao nosso conhecimento através de manuscritos dispersos no espólio e posteriormente reunidos, em 1966, num volume com o título genérico “Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação”.

Foi neste livro que Fernando Pessoa afirmou categoricamente: “Não encontro dificuldade em definir-me: sou um temperamento feminino com uma inteligência masculina. A minha sensibilidade e os movimentos que dela procedem, e é nisso que consistem o temperamento e a sua expressão, são de mulher. As minhas faculdades de relação — a inteligência, e a vontade, que é a inteligência do impulso — são de homem.”

Esclareceu depois Fernando Pessoa: “Reconheço sem ilusão a natureza do fenómeno. É uma inversão sexual fruste. Para o espírito. Sempre, porém, nos momentos de meditação sobre mim, me inquietou; não tive nunca a certeza, nem a tenho ainda, de que essa disposição do temperamento não pudesse um dia descer-me ao corpo. Não digo que praticasse então a sexualidade correspondente a esse impulso; mas bastava o desejo para me humilhar.”

TESTEMUNHO Ofélia Queiroz, sua namorada, traçou-lhe o retrato: “Um senhor todo vestido de preto, com chapéu de aba revirada e debruada, óculos e laço ao pescoço. Ao andar, parecia não pisar o chão”





Sou um temperamento feminino com uma inteligência masculina. A minha sensibilidade [é] de mulher. As minhas faculdades de relação são de homem”

FERNANDO PESSOA EM “PÁGINAS ÍNTIMAS E DE AUTO-INTERPRETAÇÃO”

Alberto Caeiro e Ricardo Reis completam, agora, 100 anos com os poemas incluídos na revista “Athena” e, posteriormente, na revista “Presença”. Mais tarde, as edições da Ática, em volumes próprios, consagrados a Alberto Caeiro e Ricardo Reis, ambos em 1946, demonstraram a excepcional dimensão de Fernando Pessoa.

A GÊNESE DOS HETERÔNIMOS

O acolhimento dispensado a Fernando Pessoa para colaborar na revista “Presença” (1927–1940) foi, sem dúvida, da maior importância para a divulgação da sua obra ortônima e heterônima. As numerosas cartas que Pessoa dirigiu a José Régio, a João Gaspar Simões e a Adolfo Casais Monteiro documentam a origem dos heterônimos, fundamentalmente Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Sem, todavia, remontar aos primórdios, aos 6 anos, na altura em que morava em Lisboa, na Rua de São Marçal, e inventou o Chevalier de Pas, que alguns biógrafos e críticos admitem ser um duplo da figura do pai, Joaquim Seabra Pessoa, falecido a 12 de junho de 1893.

Em 1899, Fernando Pessoa concebeu o segundo heterônimo. Vivía na África do Sul com a mãe e o padrasto e frequentava a Durban High School. Deu-lhe o nome de Alexander Search, personagem inspirado em leituras de escritores de língua inglesa, entre os quais Edgar Allan Poe, um dos autores que o acompanharam a vida inteira. Estes dois heterônimos assinalam o início do debate íntimo e profundo para romper a solidão em que mergulhara. Era a busca obsessiva de uma companhia para dialogar com os seus próprios labirintos.

Mas é na carta dirigida a Adolfo Casais Monteiro — alguns meses antes de falecer — que Fernando Pessoa descreveu em pormenor a génese dos principais heterônimos que lhe deram renome universal: “A 8 de março de 1914 acerquei-me de uma cómoda alta e, tomando um papel, comeci a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. Abri com um título, ‘O Guardador de Rebanhos’. E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caeiro. Desculpe-me o absurdo da frase: aparecera em mim o meu mestre.”

Pessoa acrescenta: “Aparecido Alberto Caeiro, tratei logo de lhe descobrir — instintiva e subconscientemente — uns discípulos. Arranquei do seu

falso paganismo o Ricardo Reis latente, descobri-lhe o nome e ajustei-o a si mesmo, porque nessa altura já o via. E, de repente, e em derivação oposta à de Ricardo Reis, surgiu-me impetuosamente um novo indivíduo.”

Múltiplo e vário, homem da cidade por excelência, Álvaro de Campos quer “sentir tudo de todas as maneiras”. Adotou uma escrita torrencial para comunicar as transformações operadas pela civilização industrial e mecânica que caracterizam o século XX. A “Ode Triunfal” e a “Ode Marítima”, ambas publicadas em 1915 no “Orpheu”, traduzem a impetuosidade do futurismo, na sua fase mais imperativa, frenética e audaciosa.

Já a “Tabacaria”, publicada em 1927 e com o maior destaque na revista “Presença”, tem outra respiração. A sequência narrativa leva-nos a questionar a luta contra o esquecimento, o apagar da memória, a aguda percepção da vulnerabilidade da condição humana: “Nunca serei nada. / Não posso querer ser nada. / À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.” Fernando Pessoa, logo no princípio, é direto. Explora a vulgaridade do quotidiano. As palavras encontram-se carregadas de uma ansiedade latente, de um desencanto visceral, de um tédio exorbitante e desmedido. O dia seguinte é (e será sempre) mais do mesmo, a sucessão da fatalidade, da angústia, do vazio e do desespero.

Existiam alguns textos dispersos de Bernardo Soares. Só em 1929, passados mais cinco anos, ele fará a sua estreia pública. Contudo, o “Livro do Desassossego” só virá a ser publicado em 1982. Ou seja, 47 anos depois da morte de Pessoa. Qualquer Prémio Nobel da Literatura desejaria ser o autor desta obra de génio.

O DIA TRIUNFAL NUNCA EXISTIU

Uma investigação liderada por Ivo de Castro, numa equipa que, entre outros, integrou Luís Fagundes Duarte e João Dionísio, procedeu ao estudo dos manuscritos, à análise metódica de cada poema, de cada verso, da obra ortônima e heterônima, e de outros documentos do espólio de Pessoa.

Ficou demonstrado que o dia triunfal, o histórico dia 8 de março de 1914, nunca existiu, tal como Pessoa o descrevera. Era uma ficção engenhosa para a posteridade. As contradições são evidentes. A versão de Pessoa, na carta a Casais Monteiro, não corresponde àquela versão: assim chegou a esta conclusão o grupo de trabalho que procedeu, durante anos, à leitura sistemática da correspondência para diversos

"ATHENA" AS TRÊS POLÊMICAS

Os cinco números da revista "Athena" podem explicar aspectos fundamentais do universo heteronímico de Fernando Pessoa; o aparecimento de "O Guardador de Rebanhos", de Alberto Caeiro, e das "Odes", de Ricardo Reis. A revista é dirigida por Fernando Pessoa e por Ruy Vaz (1891-1955), arquiteto, caricaturista e pintor, que esteve à frente da Escola Afonso Domingues, em Lisboa. Seria também secretário-geral da União Nacional, que o consulado de Marcello Caetano transformou em Ação Nacional Popular, na mesma altura em que a Censura passou a denominar-se Exame Prévio e a PIDE ficou com o nome de Direção-Geral de Segurança.

Por outro lado, a "Athena" não se limitou à publicação de Alberto Caeiro e Ricardo Reis. Incluiu, no contexto das revistas do modernismo, a primeira colaboração efetiva de uma mulher portuguesa, Mily Possoz (1888-1968). A Violante de Cysneiros que surgiu no "Orpheu" é um pseudónimo do poeta Armando Côrtes-Rodrigues. Também Helena Cristo é outro pseudónimo de Almada Negreiros, ao subscrever textos de opinião e de crítica no "Diário de Lisboa". Pintora, aquarelista e gravadora, Mily Possoz destacou-se entre os Cinco Independentes — que afinal eram sete — ao expor na Sociedade Nacional de Belas Artes. Trata-se da primeira grande exposição que veio consolidar as novas formas de expressão na pintura. Mas há ainda mais duas singularidades da "Athena": a colaboração de Mário Saa (1893-1971), como poeta que, no mesmo ano, se notabilizara com a edição do livro "A Invasão dos Judeus" (1925), na sequência de outro livro seu,

"Portugal Cristão-Novo ou os Judeus na República" (1921). Ambos desencadearam, na primeira metade do século XX, a polémica do antissemitismo. Finalmente, a colaboração de António Botto (1897-1959) na "Athena" deu lugar a outra polémica, em torno da afirmação, sem equívocos, da homossexualidade na literatura portuguesa. Havia alguns antecedentes: Abel Botelho, no romance "O Barão de Lavos", e o Visconde de Vila Moura, em "Doentes de Beleza". O escândalo, todavia, concentrou-se na segunda edição das "Canções". Trazia um posfácio de Manuel Teixeira Gomes, então Presidente da República. A polícia já havia interditado o número integral do "Portugal Futurista", devido a um texto de Almada Negreiros, "Os Saltimbancos". Em plena Guerra Mundial, Almada pormenorizou as relações sexuais de cavalos com éguas, numa altura em que se processava a deslocação para a Flandres da arma de Cavalaria do Corpo Expedicionário Português. Entretanto, foram queimados os livros de António Botto, Raul Leal e Judith Teixeira no pátio do Governo Civil de Lisboa. Uma campanha promovida pela Liga de Ação dos Estudantes de Lisboa, empenhada na defesa da moral e dos bons costumes, que contribuiu para intensificar a indignação pública. Tiveram ação preponderante no acirrar dos ânimos os artigos publicados no jornal "A Época" pelo seu diretor Fernando de Sousa e as campanhas promovidas pela Liga de Ação dos Estudantes de Lisboa, encabeçadas por Pedro Teotónio Pereira e Marcello Caetano, ambos apoiantes em 1926 da instauração da ditadura militar e ambos, posteriormente, ministros de Salazar. / A.V.



destinatários e de numerosos outros manuscritos depositados na Biblioteca Nacional.

Seja como for, os poemas de Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos concorreram para a universalidade de Fernando Pessoa, a partir das décadas de 50 e 60 do século XX, ao verificar-se a projeção nacional e internacional da sua obra ortónima e heterónima.

CAEIRO, O ENCONTRO COM A LEZIRIA

A presença humana e geográfica de Alberto Caeiro tem "a nitidez de uma fotografia". Deixou de ser uma contemplação errante e misteriosa, coberta de névoas e de brumas. Escreveu Caeiro: "Eu não tenho filosofia: tenho sentidos... / Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é. / Mas porque a amo, e amo-a por isso. / Porque quem ama nunca sabe o que ama / Nem por que ama, nem o que é amar..."

Alberto Caeiro interroga-nos olhos nos olhos. O seu mundo exterior não mergulha no vago e no indeciso. Identificou-se com todo o vigor e autenticidade ao abrir a série de poemas "O Guardador de Rebanhos": "Minha alma é como um pastor, / conhece o vento e o sol / e anda pela mão das estações / a seguir e a olhar. / Toda a paz da Natureza sem gente / vem sentar-se a meu lado." Ou então nos "Poemas Inconjuntos", que completam a conceção do mundo de Alberto Caeiro: "Com filosofia não há árvores: há ideias apenas. / Há só cada um de nós, como uma cave. / Há só uma janela fechada, e todo o mundo lá fora; — E um sonho do que se poderia ver se a janela se abrisse, / que nunca é o que se vê quando se abre a janela."

Aliás, o drama "O Marinheiro", cuja publicação fora recusada na revista "Águia" — onde Pessoa era colaborador — e virá a ser inserido no primeiro número do "Orpheu", já demarcava um afastamento das conceções estéticas, da visão saudosista e das linhas doutrinárias da Renascença Portuguesa definidas por Teixeira de Pascoas, Leonardo Coimbra e Jaime Cortesão.

Portanto Alberto Caeiro apresenta-se como um Teixeira de Pascoas virado do avesso. Nem António Nobre, sempre a incutir lamentações nostálgicas. Caeiro é um discípulo de Cesário Verde, na frontalidade da abordagem e dissecação da realidade.

REIS, O UNIVERSO INTEMPORAL

O outro caso específico é Ricardo Reis. Constitui a oposição ao fascínio da lezíria ribatejana de Alberto Caeiro. Acentuou a supremacia da razão em face da emoção, sem o discurso exuberante de Alberto



Ricardo Reis acentuou a supremacia da razão em face da emoção, sem o discurso exuberante de Alberto Caeiro. Celebra a beleza intemporal de tudo quanto vê, ouve e sente

RESERVADO Privava apenas com os proprietários e funcionários dos escritórios onde traduzia para inglês e francês correspondência comercial

Caeiro e, sobretudo, a vibração da “Ode Triunfal”, da “Ode Marítima” e os meandros surpreendentes da “Tabacaria”. Ricardo Reis celebra a beleza intemporal de tudo quanto vê, de tudo quanto ouve, de tudo quanto sente. Assim o confirma em vários excertos que transcrevemos das suas odes: “Vê de longe a vida./ Nunca a interrogues. Ela nada pode/ dizer-te,/ a resposta está além dos deuses.” Há um gosto sóbrio de fruir e exaltar os prazeres de cada dia: “quão breve tempo é a mais longa vida”; “gozemos o momento”; “aguardando a morte como quem a conhece”; “quer gozemos, quer não gozemos, passamos o rio”; “sem ódios, nem paixões que levantam a voz/ nem invejas que dão movimento demais aos olhos,/ Nem cuidados, porque se os tivesse o rio sempre correria,/ e sempre iria ter ao mar”...

Ricardo Reis assimilou a cultura clássica que tem como paradigma as “Odes” de Horácio. Possui o sentido da medida, o ritmo e a precisão de cada verso. A pluralidade dos silêncios alerta-nos para situações que transcendem a rotina, a construção geométrica não extingue o rasgo inconfundível da sua imaginação criadora.

A INSCRIÇÃO NO TÚMULO

Nos seus 47 anos de vida, a maior parte dos quais passados em Lisboa, Fernando Pessoa ia de rua em rua, como qualquer outro cidadão. O ambiente desgastante da cidade prolongava-se à mesa do café, nos escritórios onde trabalhava, na solidão dos quartos alugados. É melhor citar Bernardo Soares ao mencionar as rotinas que o sufocavam — “as secretárias velhas do escritório”, “a pobreza das ruas intermédias da Baixa usual” e “a náusea da quotidianidade enxovalhante da vida”...

É certo que Fernando Pessoa manifestou a urgência da mudança. Desejava “criar um outro mundo, igual a este, mas com outra gente”. Contudo, eram tantas as impossibilidades que se limitava a exigir, numa das “Odes” de Ricardo Reis: “Para ser grande sê inteiro/ Sê todo em cada coisa./ Põe quanto és/ no mínimo que fazes.”

Estes versos inscritos no túmulo de Fernando Pessoa, no claustro dos Jerónimos, constituem o legado do seu carácter, para honrar e cumprir o que há de mais nobre na condição humana. De resto, cada poema de Fernando Pessoa ou dos seus heterónimos consiste numa viagem à sua própria vida, às nossas vidas e a muitas outras vidas imaginadas. ●

e@expresso.impresa.pt